



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: “CRENÇAS E RELIGIOSIDADES”

**A FESTA DE SANTA BÁRBARA: CORPOS MISCIGENADOS QUE SE “TRAMAM” E SE
“CONTRACENAM” DE VERMELHO E BRANCO**

JUNIOR, Flávio Cardoso dos Santos

Graduado em Educação Física

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

flavaooguerreiro@hotmail.com

Resumo

Este trabalho é recorte de uma pesquisa do Grupo Artes do Corpo (Universidade Estadual de Feira de Santana) sobre as festas populares baianas. Para esta análise, contextualizamos historicamente a Festa de Santa Bárbara que acontece todo dia 4 do mês de dezembro na cidade de Salvador-Ba. O culto a Bárbara foi trazido de Portugal para a Bahia, no período da colonização do Brasil, tendo como responsáveis os negros e comerciantes locais. Com o tempo a santa “alcançou” uma quantidade significativa de devotos, seja do Catolicismo, ou do Candomblé, pois a mesma no ‘sincretismo’ “afro-católico” representa o orixá Iansã, “senhora dos ventos, raios e tempestades” que se veste de vermelho. Para tanto, o nosso objetivo central consiste em compreender as relações societárias do corpo naquela celebração, bem como identificar as estéticas corporais produzidas durante o folguedo. Assim, investimos na pesquisa etnográfica, pois a mesma permitir-nos um envolvimento concreto com os atores sociais que compõem o exame no campo empírico, seja acompanhando o culto à santa, na missa, na procissão ou até mesmo na festa de largo e ritos do candomblé, que acontecem no Mercado de Santa Bárbara. Se por um lado, na comemoração, há uma forte presença do catolicismo, por outro, encontramos elementos do candomblé, a “fusão” de ambos componentes gera a representação de inúmeras identidades. No que tange a estética corporal, identificamos formas de dançar, adorar e brincar nas quais os corpos “miscigenados”, vestidos de vermelho e branco, se “tramam” e se “contracenam” simbolizando a resistência da Cultura Afro-Baiana. Assim, o culto a Santa Bárbara/Iansã se traduz num acontecimento religioso de matriz católica e ao mesmo tempo afro-descendente.

Abstract

This work is part of a research group of the Arts of the Body (State University of Feira de Santana) Bahia on the festivals. For this analysis, we contextualize historically the Feast of Santa Barbara that happens every four days of December in the city of Salvador, Bahia. The cult of Barbara of Portugal was brought to Bahia, during the colonization of Brazil, with blacks and responsible local merchants. With time, the holy "achieved" a significant amount of devotees, is Catholicism, Candomblé or, as the same in 'syncretism' "African-Catholic" represents the deity Iansã, "Lady of the winds, lightning and storms" that wears red. To this end, our main objective is to understand the body corporate relations at the celebration, and to identify the aesthetic body produced during the merriment. So, we invested in ethnographic research, because it allows us a real involvement with the social actors that make up the exam in the empirical field, either accompanying the worship of the saint, at Mass, or even in the procession on the feast of broad andrites of Candomblé, which take place in Santa Barbara market. On the one hand, the celebration, there is a strong presence of Catholicism, on the other, we find elements of Candomblé, the "fusion" of both components generates the representation of numerous identities. With regard to esthetics, identify ways of dancing, worship and play in which the bodies "mongrels", dressed in red and white, "plot" and "contracenam" symbolizing the strength of the Afro-Bahian. Thus, the cult of Santa Barbara / Iansã translates into an array of Catholic religious event while African descent.

Palavras-chave: Bárbara; Miscigenados; Vermelho; Branco.

Keywords: Bárbara; Admixed; Red; White.

PAP0177

INTRODUÇÃO

Este estudo trata-se de um recorte mais amplo da pesquisa intitulada: *“Lazer e Corpo: As expressões artísticas e culturais do corpo nas festas populares baianas”*, trabalho financiado pela Rede CEDES, do Ministério dos Esportes. O mesmo buscou analisar criticamente sobre as festas populares da Bahia e teve como proposta central descobrir e compreender os saberes que os corpos expressam utilizando-se de signos, tipos de linguagem e expressão próprias da cultura popular nas Festas em questão. Para esta análise, contextualizamos historicamente a Festa de Santa Bárbara que acontece todo dia 4 do mês de dezembro no Centro histórico da cidade de Salvador-Ba.

As festas populares são “potências vivas” da cultura de um povo, por isso a importância de estudá-las. Comemorar uma data religiosa ou histórica transcende o ato de fruição, pois o mesmo exercita a memória, faz lembrar e recordar. Podemos então definir festejar com o retorno às origens, uma volta ao passado com o objetivo de *“vivificar a história e é por esta razão que o homem se esforça para reatualizá-la, periodicamente, em rituais próprios”* (ELIADE, 1999, p. 76).

Da mesma forma, os festejos populares são patrimônios culturais, educacionais e históricos, nas quais as comemorações, os protestos e as manifestações, encontram-se imbuídas de significados e sentidos, constituindo-se como um lugar importante de manifestar as expressões artísticas e estéticas do corpo. Assim, chamam a nossa atenção como estas festas vêm alimentando o imaginário popular, e sobretudo, como até os dias atuais têm se mostrado uma fonte inesgotável de conhecimento.

Por isso, chama-nos à atenção a forma com que o culto a Santa Bárbara “alcançou” uma quantidade significativa de devotos, seja do Catolicismo, ou do Candomblé (a santa no ‘sincretismo’ “afro-católico” representa o orixá Iansã, “senhora dos ventos, raios e tempestades” que se veste de vermelho). Fato este a sua importância no calendário das festas locais, seja no contexto da religião, do lazer, da cultura e até mesmo da política, pois a festa “transcende” os fatores religiosos como veremos ao longo do curso desse texto.

1. OBJETIVOS

Para tanto, o nosso objetivo central consiste em compreender as relações societárias do corpo na celebração à Santa Bárbara, a partir de estudos culturais, bem como identificar as estéticas corporais produzidas durante o folguedo.

2. JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Nesse sentido, nosso estudo pode estabelecer um diálogo entre as áreas da Educação, História, Antropologia e Ciências Sociais a fim de dar subsídios a Sociedade e o Poder Público no sentido de poderem entender melhor os festejos populares e quem sabe assim poder torná-los menos susceptíveis aos apelos do Capital e do poder hegemônico, pois se faz necessária a criação de mais políticas públicas, tanto do campo do turismo como do Lazer, pois temos que pensar o espaço da festa como um local significativo no processo de transformação do indivíduo comum em protagonista de tal evento. Daí a importância do Estado produzir demandas no sentido de garantir que o turismo predatório e a mercantilização não “engulam” a cultura, identidade e memória histórica locais, pois para Santos (2000) a cultura pode ser “a matéria-prima” para o desenvolvimento do país.

Da mesma forma, este trabalho está relacionado aos sujeitos culturais da festa de Santa Bárbara: Aqueles que não aparecem midiaticamente, mas que fazem do espaço urbano um local de produção e resistência cultural e religiosa, portanto, queremos olhar para a festa e entender como os corpos nela se relacionam, bem como notar quais as estéticas que eles assumem naquele evento. Dar voz e visibilidade a tais atores sociais se faz necessário no sentido de trazer à tona a importância e as problemáticas do festejo.

3. METODOLOGIA

Tendo em vista, o banco de dados empíricos que formamos nas festas de 2010 e 2011, composto de imagens, filmagens, fotos, entrevistas e histórias de vidas nos propomos a usar como instrumento investigativo uma pesquisa de “aproximação” etnográfica, ramo da Antropologia Social interessada em estudar um sujeito ou uma população de uma forma direta, inserindo-se o pesquisador em sua realidade (OLIVEN, 2002). A escolha deste tipo de investigação se deu no sentido do mesmo permitir-nos um envolvimento concreto com os atores sociais que compõem a análise, fator este facilitador para um maior entendimento e compreensão dos dados colhidos e observados, tendo em vista que se trata de um local que, apesar de físico, não é fixo e sim fluido, pois podemos pensá-lo como um quebra-cabeça formado por peças feitas de “espaços-momentos”. O próprio dinamismo da festa impõe isso.

Percebemos tal dinâmica ao acompanhar o culto à santa, na missa, na procissão ou até mesmo na festa de largo e ritos do candomblé, que acontecem no Mercado de Santa Bárbara, local formado por bares e lojas comerciais e que recebe os devotos da festa.

Assim, criamos um instrumento investigativo ao qual batizamos de diário de bordo, no qual fizemos os devidos registros andando pela itinerância do “ouvir” e pela itinerância do “olhar”. O “ouvir” seria as vozes das pessoas que se fazem presente no folguedo e que foram registradas em nosso gravador e o “olhar” as filmagens e fotografias captadas por nossa lente.

Deste modo, no período anterior à festa, buscamos embasamentos teóricos para o estudo e assim traçamos um caminho a ser seguido na elaboração desse estudo, consultando o Arquivo Público da cidade, ou indo à Igreja de Santa Bárbara, por exemplo.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Fizemos uma análise das imagens e filmagens, pois as mesmas são como um texto literário que possui sentidos e significados visíveis ao olhar do expectador, mas que também possuem a sua própria obscuridade. Neste sentido, os personagens, enredos, paisagens e situações são signos carregados de significados que precisam de leitor atento para ir além do aparente na imagem fotográfica, podendo assim traduzir o campo de significação da imagem. Portanto, ler e decifrar tais símbolos são tramas comunicativas que nos permitem narrar não só as representações sublinhadas nas imagens como inventar novas histórias, com novos desejos e com novas situações culturais.

Do mesmo modo, a importância das falas coletadas em campo, as quais foram submetidas a uma apreciação da análise do discurso. Martins (2008, p.55) “[...] *parte do pressuposto de que em todo discurso há um sentido oculto que pode ser captado, o qual, sem uma técnica apropriada, permanece inacessível.*”

Assim, através da interpretação das imagens, filmagens e discursos procuramos “desvendar” detalhadamente as mensagens subliminares encontradas em nosso campo empírico a fim de não passar para o leitor uma leitura equivocada dos símbolos, que ora se apresentam no evento.

5. A HISTÓRIA DA FESTA

O culto a Bárbara foi trazido de Portugal para a Bahia, ainda no período da colonização do Brasil. Conta a história que Bárbara teria nascido na Nicomédia (atual İzmit, na Turquia), ainda no século III e sua família não tinha afinidade com o Cristianismo.

Seus pais teriam, então, a iniciativa de iniciá-la no paganismo, porém houve uma resistência por sua parte, pois a mesma teria grande simpatia para com o Cristianismo. A beleza física da jovem era visivelmente percebida, assim como as suas “grandes qualidades de espírito”, e seu pai temia que a religiosidade da moça atrapalhasse a sua vida amorosa e conseqüentemente um bom matrimônio. Mas Bárbara perseverava na fé,

por isso numa atitude desesperada seu pai resolve trancafiá-la numa torre para poder estudar e melhor “conhecer os deuses”, porém essa reclusão somente serviu para ela reafirmar mais a sua fé. (COUTO, 2010).

Conta-nos Couto, ainda que:

[...] Após receber uma proposta de casamento de um jovem de “posição e alta linhagem”, Bárbara, mesmo insatisfeita, aproveitou a ocasião e pediu ao pai para ser instalada num balneário. Dioscoro, antes de partir para uma viagem, atendeu aos apelos da filha. A jovem começou a realizar encontros com os cristãos em sua nova morada e provocou a ira paterna. Depois de uma discussão na qual o pai a ameaçou com a espada, ela refugiou-se numa gruta. A partir do momento em que esse esconderijo foi descoberto, começou o seu martírio. Ela foi encarcerada e torturada. Como resistisse às sessões de tortura, foi condenada à morte e conduzida nua pelas ruas da cidade, para ser insultada pela multidão. O pai foi o responsável pelo golpe de espada que a matou, sendo em seguida surpreendido por um temporal e morto por um raio. (2010, p.94)

Assim o fato de seu pai ter sido morto pela fúria da natureza gerou a sua fama de ser a rainha dos raios e do fogo, fato este que em Portugal iniciou a tradição em sua adoração, sendo ela alvo de pedidos de intercessão a tempestades e tormentas.

Dessa forma, os portugueses trouxeram para o Brasil imagens da santa, bem como a sua adoração foi absorvida principalmente pelos negros e negociantes que por devoção fundaram um mercado com o seu nome, na atual Baixa dos Sapateiros, bairro da cidade de Salvador.

Porém, com a diáspora, os afro-descendentes trouxeram consigo as suas crenças e por conta do próprio processo de colonização e catecização a religião Católica foi marcada por traços do Candomblé. Santa Bárbara nesse “mix” religioso seria o Orixá Iansã. Rainha dos ventos e tempestades, primeira esposa de Xangô (senhor do trovão, de quem adquiriu o poder de controlar o fogo). Conhecida por sua bravura e por ser a senhora do fogo, ventos, tempestades e do rio Niger. Por coincidência o dois Orixás são cultuados no mesmo dia, quarta-feira, e têm as mesmas cores: vermelho e branco. As semelhanças entre as funções desses dois são explicadas por meio de uma lenda. Xangô ordenou que Iansã fosse buscar uma bebida numa terra distante, sem abrir o pote que guardava o “preparado”. A preciosa porção permitiria ao orixá lançar fogo pela boca e pela narinas. Porém, ela não resistiu à curiosidade e a vontade de se tornar tão poderosa quanto o marido. Desobedeceu à ordem e bebeu o líquido, tornando-se também capaz de cuspir fogo. (OLIVEIRA, 2005).

Talvez a coincidente afinidade com os elementos da natureza como o fogo, raio, trovão e tempestade tenha marcado um traço latente entre as entidades religiosas **Santa Bárbara/Iansã**, bem como as histórias e crenças acerca de duas mulheres, que se vestem de vermelho, perseverantes e aguerridas tenha sido o motivo de tanta popularidade entre as pessoas das camadas menos abastadas da sociedade. A cor vermelha e branca e a espada revela características de guerreira, símbolo de resistência e luta. Seja por isso dela(s) ter(em) sido adotada(s) como protetora dos mercadores e do Corpo de Bombeiros

6. AS RELAÇÕES SOCIETÁRIAS DO CORPO NA FESTA

Atualmente o culto arrasta mais de 10.000 pessoas para a sua festa que começa com uma alvorada festiva, seguida de uma missa campal que traz tanto os elementos do Catolicismo, quanto do Candomblé. De um lado percebe-se a presença dos instrumentos de percussão, advindos das músicas de origem Afro e oferendas culinárias que simboliza o agradecimento e reverência, através de um quitute conhecido como acarajé. De outro lado a liturgia segue os padrões da igreja Apostólica Romana.

A missa acontece ao ar livre, pois a igreja sempre foi o local de reverência, contrição, gestos respeitosos e contidos, talvez por esse fato a comissão organizadora e o episcopado terem a levado para a rua, pois a abertura política e o próprio processo de democratização do país acabam impedindo de se intolera qualquer ato religioso. Assim, a festa possui dois momentos, um religioso (denominado de sagrado) e outro mais

descompromissado com a questão religiosa (também conhecido como profano), embora “sagrado e profano” não sejam momentos lineares e sim flutuantes, pois em certos momentos se separam e em outros se unem. Real e fantasia andam de mãos dadas e ao mesmo tempo desagregados. Queremos deixar claro que os termos “sagrado” e “profano” não querem dizer na íntegra o par dialético bem e mal. A questão é muito subjetiva, pois o que uma pessoa acha bom outra não acha e assim por diante. Segalem (2002) afirma que para Durkheim (1912):

[...] O puro e o impuro não dois gêneros separados, mas duas variedades de um mesmo gênero que compreende todas as coisas sagradas, com a possibilidade e transmutação, na medida em que o puro pode se tornar impuro e vice-versa. Aquilo que faz a santidade e uma coisa é o sentimento coletivo de que ela é objeto, expresso especialmente no rito. (p. 20).

Em outras palavras podemos imaginar que algo só é sagrado pelo sentido dado a ele, nesse sentido Serra (2009), nos lembra que essa categorização só pode ser feita no campo religioso, pois:

[...] Muitas vezes se encontra usado o termo “profano” como o equivalente a “não religioso”. Mas a idéia do profano só tem sentido numa perspectiva religiosa, ou seja, no domínio fenomenológico em que se opõe à noção do sagrado. Essa oposição liga as duas referidas categorias de forma necessária, numa estreita correlação. Aquele para quem não há nada sagrado, nada pode considerar profano (p.69).

Não nos aprofundaremos mais no assunto pelo fato do mesmo não ser foco principal de nosso estudo. O que tentamos aqui é desmistificar alguns enganos, principalmente o religioso que insiste em dividir o mundo nesses dois domínios para uma religião se prevalecer em detrimento de outra, criando uma supremacia ideológica em torno da questão.

Assim, após a missa acontece uma procissão pelo Centro histórico da cidade, onde pode-se notar a forte devoção das pessoas para com as entidades religiosas, seja através de salva de fogos, ou até mesmo com cantos e orações que muitas das vezes levam as pessoas a uma espécie de “transe”.

O cortejo segue pelas ruas e se finda no quartel dos bombeiros militares, esse tradicionalmente oferece uma comida à base de quiabos e azeite de dendê conhecida como caruru, em homenagem à sua padroeira e abre as suas portas para a imagem da santa ao término de sua procissão.

Na frente da caserna é feita uma homenagem à santa e um caminhão pipa refresca as pessoas presentes ali. Dessa maneira os corpos se manifestam religiosamente e ao mesmo tempo dançam, se banham, e brincam... Nesse momento pode-se encontrar as práticas outrora reprimidas pelo Estado serem vivenciadas pelo povo, falamos do Samba e da Capoeira, por exemplo. Nesse mesmo instante, próximo dali, no Mercado de Santa Bárbara estão sendo bailadas as danças “sagradas”, reproduzindo a fé advinda dos terreiros, nas quais os corpos “curvados” veneram seus Orixás.

Todos esses são protagonistas de uma “trama” que em certos momentos se torna um “espetáculo”, não ensaiado, de fé e alegria, prazer e angústia, riso e choro, mostrar e esconder... Dessa forma podemos imaginar que o ato de fruição em tais espaços pode estar ligado à religiosidade e diversão e, sobretudo na marcação de territórios constituintes de resistência e participação não só no folguedo, mas em todas as manifestações da Cultura da Sociedade.

7. ESTÉTICAS CORPORAIS (RE)PRODUZIDAS DURANTE O FOLGUEDO

Vale ressaltar que estéticas são geradas a partir dos campos e do imaginário e das identidades que falamos anteriormente. Le Breton (2003) nos convida a pensar numa forte tendência do mundo contemporâneo que é considerar toda forma viva como uma soma organizada de mensagens, nesse sentido os corpos que se apresentam no festejo de Santa Bárbara/Iansã podem ser interpretados como “mensageiros” de sentimentos e significados expressados no momento do ritual.

Portanto, os corpos que carregam o andor da santa, os fiéis que seguem o cortejo e os demais personagens com suas danças e performances estabelecem uma estética ímpar que peculiarmente transformam o folgado num espetáculo cultural.

Dessa maneira, os corpos que participam da festa se organizam como um mosaico. O mesmo de longe, aparenta uma imagem bem formada, definida e, de perto, as distorções são percebidas; assim, o espaço da festança reflete a imagem das fronteiras de toda sociedade; ou seja, é naquele espaço que o indivíduo satisfaz os seus desejos e manifesta a sua fé. Apesar de em seu cotidiano ser explorado, ali eles se divertem, trabalham, ganham um “dinheirinho” vendendo água ou fitinhas, namoram e manifestam os seus mais inconscientes devaneios, seja chorando ou sorrindo, por exemplo. Desse modo, o lugar geográfico é também filosófico e da descoberta, por que nele se batem forças contraditórias (SANTOS, 2000) de fé e fruição. Estamos nos referindo, aqui às pessoas ligadas à religião, aos artistas populares que encenam sua arte, seja pela devoção, ou pelo sustento, ou até mesmo a grande massa que assume de forma descompromissada o papel anônimo e que acaba formando uma bela paisagem. Todos esses juntos criam e recriam no vasto espaço da festa múltiplas polirritmias, polifonias e estereótipos.

Nesse sentido, estamos aqui analisando as práticas corporais dos atores sociais dos festejos como um dispositivo de fuga e ao mesmo tempo de auto-afirmação, pois a realidade tirânica da sociedade e do poder hegemônico do capital impõe uma lógica perversa que exclui e torna o lazer uma mercadoria de consumo, daí a necessidade de se criar novos territórios.

Dessa forma, podemos pensar que as festas populares, como a de Santa Bárbara/Iansã podem ser constructos históricos, imaginários, e ao mesmo tempo, material por parte daqueles que não têm a possibilidade de consumir os produtos culturais criados com o advento da indústria do entretenimento e do turismo. Assim a Cultura pode, através das danças, ser criada e recriada pelos excluídos da história, os mesmos que resistiram e levaram para as ruas as práticas corpóreas dos Terreiros de Candomblé, seja através da Capoeira, ou até mesmo das rodas de samba e de outros dispositivos que já citamos. Artes proibidas e perseguidas desde a colonização do Brasil até o Século XX (RISÉRIO, 2004).

8. CONSIDERAÇÕES (SEM)FINAIS

Encerrar falando sobre a Festa de Santa Bárbara se torna uma tarefa quase que impossível, porém ao delimitarmos o tema nos comprometemos em dar conta das relações societárias e das estéticas corporais e chegamos a uma conclusão: Se por um lado, na comemoração, há uma forte presença do Catolicismo, por outro, encontramos elementos do Candomblé. A “fusão” de ambos componentes gera a representação de relações estreitas entre as religiões. No que tange a estética corporal, identificamos formas de dançar, adorar e brincar nas quais os corpos “miscigenados”, vestidos de vermelho e branco, se “tramam” e se “contracenam” simbolizando a resistência da Cultura Afro-Baiana ligada ao cultivo das tradições advindas de fora do país. Assim, o culto a Santa Bárbara/Iansã se traduz num acontecimento religioso de matriz católica e ao mesmo tempo afro-descendente. Neste sentido, raciocinamos que podemos abrir oportunidades de (re)pensarmos não só a Festa de Santa Bárbara/Iansã, mas todas as festas populares, bem como a sua dinâmica. Principalmente na participação dos protagonistas considerados “recusados” pela história que conseguiram e conseguem até hoje instituir novos processos artísticos e estratégias de resistir e de viver a Cultura, seja através da dança ou da religião.

9. REFERÊNCIAS

Bhabha, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

Couto, Edilece Souza. Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant’Ana em Salvador (1860 – 1940). Salvador: EDUFBA, 2010.

Chizzotti, Antônio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 2001.

Damatta, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

Eliade, Mircea; Couliano, Ioan P. Dicionário das Religiões. São Paulo: M. Fontes, 1999.

Geertz, Clifford. Nova luz sobre a antropologia, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

Le Breton, David. **Adeus ao corpo:** antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003.

Martins, Gilberto de Andrade. Estudo de caso: Uma estratégia de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2008.

Oliveira, Waldir Freitas. Santos e festas de santos na Bahia. Salvador: Conselho Estadual de Cultura, 2005.

Oliven, Ruben George. A antropologia de grupos urbanos. Petrópolis: Vozes, 2002.

Santos, Milton. Lazer popular e geração de empregos. [IN]: Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

Santos, Milton. Território e sociedade: Entrevista com Milton Santos. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

Segalem, Martine. Ritos e rituais contemporâneos. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2002.

Serra, Ordep. Rumores da Festa: O sagrado e o profano na Bahia. 2ª Ed. Salvador: Edufba. 2009.